

## Fé e razão: uma relação prática

*Faith and reason: a practical relationship*

*Flávio Henrique Salomão Neto<sup>1</sup>*

**Resumo:** Há muito se discute a relação entre fé e razão. Quando nos deparamos com a Carta Encíclica *Fides et Ratio* do Sumo Pontífice João Paulo II aos bispos da Igreja Católica sobre essa relação, somos compelidos a refletir acerca dessa discussão. No preâmbulo da encíclica, o Santo Papa disse que “a fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade.” Vê-se que ele, de início, diz serem as duas que elevarão o espírito humano nesse voo em busca do alcance de algo sublime, que é a verdade. Essa verdade é o conhecimento sobre Deus; uma vez tendo pleno conhecimento sobre quem é Ele, sabendo o que Ele representa e amando-O, assim o homem pode conhecer a si próprio. O Santo Papa coloca fé e razão num patamar superior, reconhecendo e enfatizando que elas podem dar a sustentação necessária para o espírito humano, como a dizer que é esse o caminho. Mas é preciso que o homem queira seguir esse caminho. Daí que sua vontade é primordial. É para que possamos entender esse importante posicionamento que nos foi deixado pelo Sumo Pontífice há quase 19 anos – quando se achava que não houvesse mais discussão acerca desse tema – que nos propomos discorrer sobre essa relação entre fé e razão.

**Palavras-chave:** Fé – Razão – Filosofia – Verdade – Vontade

**Abstract:** The debate about the relation between faith and reason is ancient. When we read the Encyclical Letter *Fides ET Ratio*, of the Supreme Pontiff John Paul II for the bishops of the Catholic Church, we are compelled to think about this relation. In the preamble of the Encyclical, The Holy Father says, “faith and reason (*fides et ratio*) are like two wings

---

Artigo recebido em: 29 set. 2017  
Aprovado em: 18 dez. 2017

<sup>1</sup> Graduado em Direito pela FADITO/FENORD. Especialista em Direito Público e em Direito Administrativo pela FADIVALE. Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. E-mail: flavio.salomao@yahoo.com.br

on which the human spirit rises to the contemplation of truth”. It is seen that he says, suddenly, they are the two who will raise the human spirit on this flight in search of in search of the reach of something sublime that is the truth. That true is the knowledge about God; once it has knowledge about who He is, knowing what He represents and loving Him, the men can know himself. The Holy Father places reason and faith at a higher level, recognizing and emphasizing that they can give the necessary support to the human spirit, as if to say that this is the way. However, it is required that the man wants to follow this path, so, your will is essential. It is for us to understand this important position left to us by the Supreme Pontiff almost 19 years ago - when it was thought that there was no further discussion about this theme - that we propose to discuss about the relation between faith and reason.

**Keywords:** Faith – Reason – Philosophy – Truth - Will

## Introdução

Calçada na verdade – de compreensão da fé – e nos meios que fazem com que o espírito humano chegue a ela, o Sumo Pontífice deixa bem claro – assim como fez Santo Tomás de Aquino, ao afirmar que “a verdade da razão natural não é contrária à verdade da fé cristã.”<sup>2</sup> –, de maneira a colocar uma pedra sobre a questão, que razão e fé podem conviver harmonicamente, numa conciliação, e que não são excludentes. A verdade dita na Encíclica é aquela que incomoda o homem, que é conhecer a Deus e, com isso, conhecer a si próprio. A busca pelo autoconhecimento nem sempre é tranquila, pois traz inquietações a esse homem que procura se olhar no espelho. A autoanálise, essa penetração no seu interior, faz com que o homem se dispa de toda aquela capa que o envolve, para tornar-se transparente, de maneira que possa enxergar-se, se ver por dentro. O esforço para revelar-se a si próprio, por vezes, faz com que o homem pare pelo caminho, pois ele receia descobrir-se mentiroso, pegar-se na sua desfaçatez, resultado indesejado por ele. O que se busca é, sobretudo, a verdade da própria pessoa: aquilo que ela é e o que manifesta do seu próprio íntimo<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma contra os gentios*. Cap. VII, q. 42. Caxias do Sul-RS: Sulina, 1990, p. 28.

<sup>3</sup>IGREJA CATÓLICA. Papa (1978 - 2005: João Paulo II). Carta Encíclica *Fides et ratio* do Sumo Pontífice João Paulo II aos bispos da igreja católica sobre as relações entre fé e razão. Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia 14 de Setembro - Festa da Exaltação da Santa Cruz - de 1998, vigésimo ano de Pontificado. Cap. II, 2, 32.

Não se conhecendo, o homem pode estar cometendo um grande erro: mentindo para si. Não é fácil mentir para si mesmo, aliás, já disse o poeta<sup>4</sup> que essa é “a pior mentira”: querer enganar-se – embora, na maioria das vezes, o homem prefira assim proceder, pois quando está mentindo para si, acha que está mentindo melhor para os outros; viver na mentira para si, ou para outrem, é uma das piores opções que o homem pode ter. Vivendo assim, estará, segundo o Pontífice, ignorando a Deus. É preciso que ele tenha vontade em seguir outro caminho: o caminho da verdade.

Conforme seu legado, o Papa João Paulo II ensina, na supracitada Encíclica, que o homem é curioso, interessado em saber o porquê das coisas, e são muitos os recursos dos quais dispõe para progredir no conhecimento da verdade. Dentre esses recursos “sobressai a *filosofia*, cujo contributo específico é colocar a questão do sentido da vida e esboçar a resposta: constitui, pois, uma das tarefas mais nobres da humanidade.”<sup>5</sup> E o Santo Papa assim abordou:

É ilusório pensar que, tendo pela frente uma razão débil, a fé goze de maior incidência; pelo contrário, cai no grave perigo de ser reduzida a um mito ou superstição. Da mesma maneira, uma razão que não tenha pela frente uma fé adulta não é estimulada a fixar o olhar sobre a novidade e radicalidade do ser.

À luz disto, creio justificado o meu apelo veemente e incisivo para que a fé e a filosofia recuperem aquela unidade profunda que as torna capazes de serem coerentes com a sua natureza, no respeito da recíproca autonomia. Ao desassombro (*parresia*) da fé deve corresponder a audácia da razão.<sup>6</sup>

Visto que a filosofia é, segundo Aristóteles<sup>7</sup>, “a ciência da verdade”, e, no dizer do Santo Papa João Paulo II, o caminho para se conhecer as verdades fundamentais relativas à existência do homem,

---

Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html)>. Acesso em: 15\_mai\_2017.

<sup>4</sup> RUSSO, Renato; VILLA-LOBOS, Dado. *Quase sem querer*. Legião Urbana, Álbum Dois, 1986.

<sup>5</sup> JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Fides et ratio*. Introdução.3.

<sup>6</sup> Capítulo IV, 3, 48.

<sup>7</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro II, São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 39.

aqui faremos um breve estudo sobre a fé e a razão, nos orientando pela filosofia clássica e pela moderna, para que possamos aquilatar em qual medida essa relação deve ser dual e quando deverá ser uma unicidade.

## 1. Fé

A definição bíblica de fé está em Hebreus 11.1 como “o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem.”<sup>8</sup> Para Kant<sup>9</sup>, fé é “um estado de espírito”, e “toda a fé é, pois, um assentimento subjetivamente suficiente, mas no plano objetivo com consciência da sua insuficiência; portanto, contrapõe-se ao saber”, e ele ainda acrescentou que “qualquer fé, mesmo a de natureza histórica, deve ser racional (pois a derradeira pedra de toque da verdade é sempre a razão); só que uma fé racional é a que não se funda em nenhuns outros dados exceto os que estão contidos na razão pura”.<sup>10</sup>

Esse “estado de espírito”, segundo Bueno, “não é o da convicção que temos quando conhecemos alguma coisa. No conhecimento, nossos juízos são passíveis de serem verificados na experiência, o que nos dá a certeza de que são verdadeiros.”<sup>11</sup> E continua, em sua explicação, dizendo que:

[...] ao postularmos a ideia e mesmo a existência de Deus, não estamos tratando de uma ideia a respeito da qual podemos ter a certeza do conhecimento, isto é, que diga respeito a alguma coisa dada à nossa sensibilidade, pois, por tudo o que vimos, o sistema estabelecido só é possível porque podemos pressupor a liberdade, ou seja, ele é decorrente da possibilidade racional da instauração de um domínio suprassensível do qual faz parte uma espontaneidade que determina nossa

---

<sup>8</sup> BÍBLIA. Hebreus, 11.1.

<sup>9</sup> KANT, Immanuel. *Que significa orientar-se no pensamento?* (1786). Trad. Artur Morão. p. 12. Disponível em: <[http://www.lusosofia.net/textos/kant\\_que\\_significa\\_orientar\\_se\\_no\\_pen\\_samento\\_1786\\_.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/kant_que_significa_orientar_se_no_pen_samento_1786_.pdf)>. Acesso em: 15\_mai\_2017.

<sup>10</sup> KANT, (1786), p. 12.

<sup>11</sup> BUENO, Vera Cristina de Andrade. *Kant e o conceito de fé racional*. O que nos faz pensar nº 19, fevereiro de 2006. Disponível em: <[http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf\\_articles/OQNFP\\_19\\_04\\_vera\\_cristina\\_de\\_andrade\\_bu\\_eno.pdf](http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf_articles/OQNFP_19_04_vera_cristina_de_andrade_bu_eno.pdf)> Acesso em 15\_mai\_2017.

ação. Tampouco é a convicção que temos quando emitimos uma opinião. É um estado de espírito subjetivamente mais forte do que sentimos ao darmos uma opinião. Quando opinamos sobre alguma coisa, esperamos poder referir o que dizemos a uma experiência possível; por isso, sabemos que sempre podemos ter nos enganado. Isso que não acontece, porém, quando tratamos de coisas suprassensíveis. Não há aí nenhuma experiência que possa fazer com que reconheçamos nosso engano. A convicção que temos se origina apenas das consequências que tiramos a respeito de nossa representação de nós mesmos como seres livres. Por isso, o estado de espírito em nós gerado a partir da ideia de liberdade é o de uma convicção subjetivamente mais forte do que o de uma opinião.<sup>12</sup>

A princípio, fé é um sentimento. Sendo assim, se oporia à razão, porque esta é avessa aos sentimentos. Destarte, a frieza do homem sem sentimento, sem coração, não daria lugar para a fé. Por sua vez, Chaui diz que a razão se opõe a quatro outras atitudes mentais, dentre elas:

[...] às emoções, aos sentimentos, às paixões, que são cegas, caóticas, desordenadas, contrárias umas às outras, ora dizendo “sim” a alguma coisa, ora dizendo “não” a essa mesma coisa, como se não soubéssemos o que queremos e o que as coisas são. A razão é vista como atividade ou ação (intelectual e da vontade) oposta à paixão ou à passividade emocional.<sup>13</sup>

É por ver dessa maneira que a Filosofia, durante muito tempo, interpretou como a da água e do óleo, a relação entre a fé e a razão. Mais ainda: entendia que fé e crença são as mesmas coisas. Não por acaso, Chaui diz que a razão se opõe também “à crença religiosa, pois, nesta, a verdade nos é dada pela fé numa revelação divina, não dependendo do trabalho de conhecimento realizado pela nossa inteligência ou pelo nosso intelecto.”<sup>14</sup> No entanto, quanto a esse equívoco, segundo Hammes, Santo Tomás de Aquino disse que

---

<sup>12</sup> BUENO, 2006.

<sup>13</sup> CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 12 ed. São Paulo: Ática, 2002, p. 59

<sup>14</sup> CHAUI, 2002, pp. 59-60.

[...] se se encontra, portanto, alguma coisa contrária à fé nas afirmações dos filósofos, não se deve atribuir isso à filosofia, mas a um mau uso da filosofia devido a alguma falha da razão.<sup>15</sup>

Na epistemologia, crença é um estado mental que dá assentimento a uma certa representação que fazemos das coisas.<sup>16</sup> E esse estado da mente pode ser verdadeiro ou falso. Ocorre que o significado de crença é mais amplo do que o de fé, sendo considerada como uma “asserção de caráter muito geral dentro da qual a fé é considerada uma variante religiosa”; a fé, por seu lado, é um estado de espírito que envolve muito mais que um simples acreditar em algo. A fé trata-se antes de “uma adesão a, uma aceitação de alguma coisa, de um crer em”, enquanto que a crença está referida sempre a “um crer que”.<sup>17</sup>

Mas é compreensível essa confusão, e ela até se justifica, visto que, como na explanação no parágrafo anterior, se analisada a crença como apreensão da realidade, pode ser dito que quando ela “exprime uma atitude, que vai além de toda garantia ou mesmo toda possibilidade de garantia objetiva, repousando unicamente num forte sentimento subjetivo, uma forma de confiança absoluta em algo inexplicável, pode ser chamada de fé.”<sup>18</sup> É a fé perceptível, aquela baseada em nossas próprias percepções, pois acreditamos nos nossos sentidos, a visão, a audição, o olfato, o tato e o paladar, e esses são nossas verdades. Ocorre que muitas vezes esses nossos cinco sentidos, ou nossas percepções, nos traem; somos por eles enganados, ou induzidos a erro, não que propositadamente, mas é porque somos convencidos por nós mesmos. Enfim, a crença é algo subjetivo do conhecimento, enquanto que a fé, como citado em Hebreus 11.1, é algo invisível.

Para o cristão, por exemplo, ele pode crer no dito que “a fé move montanhas”<sup>19</sup> – que nada mais é que uma metáfora no sentido

---

<sup>15</sup> TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Boethii de Trinitate*, 1. a. 7. apud HAMMES, Érico João (Org.). *Fé & cultura*: temas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 41.

<sup>16</sup> SPARANO, Maria Cristina Távora. *Linguagem e significado*: o projeto filosófico de Donald Davidson. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, pp. 89-90, Coleção Filosofia 164.

<sup>17</sup> MORA, J. F.. *Dicionário de Filosofia*. 2 ed. Trad. Maria Stela e C&A. Loyola: São Paulo, 2005, p. 1106.

<sup>18</sup> SPARANO, p. 89.

<sup>19</sup> BÍBLIA, Marcos 11:23; Mateus 17:20; 21:21; 1 Coríntios 13:2.

de que, tendo uma fé verdadeira, o homem pode tirar empecilhos, barreiras, dificuldades, remover as pedras de seu caminho – porque para Deus nada é impossível. É uma fé dogmática. No entanto, ele tem que colocar em prática essa crença, e essa prática é que se tornará fé.

Muitas vezes ouvimos alguém dizer que “teve um encontro com Deus, e agora se converteu.” E pode ser que essas pessoas que assim dizem, são aquelas que negavam esse Deus ou não o reconheciam como um Deus verdadeiro. Foi necessário passar por uma situação, uma experiência qualquer para que tivesse esse “encontro”, essa “conversão”. Muitos assim se expressam quando são amparados em alguma religião. Interessante que esse “amparo” ocorre geralmente quando as pessoas estão fragilizadas, debilitadas, desestruturadas, perdidas, mas ainda lhes resta um pouco de fé ou, como já não têm mais nada a perder, abraçam aquela oportunidade e fazem uma entrega a Deus. Então, de uma pessoa antes fragilizada, perdida, desestruturada, agora estamos diante de uma pessoa reerguida, pelo menos quanto à sua autoestima. É uma fé-sentido, quando, “no contexto de nossa cultura em crise, na qual se procura sofregamente um sentido para a vida, a fé aparece especialmente como resposta a essa busca”, como bem disse Boff.<sup>20</sup> E que, com ela, “não se visa apenas a eficácia ou a força na transformação da sociedade, mas também, e antes de mais nada, a luz para dar um sentido á vida”.<sup>21</sup>

Não entraremos aqui numa discussão sobre opções entre esta ou aquela religião, esta ou aquela ideologia, mas, segundo Costa:

O Cristianismo partia do princípio de que a sabedoria proporcionada pela fé é superior à alcançada pela filosofia, pois aquela tem seu fundamento no próprio Deus, e esta, na razão humana limitada e falível. Mas nem por isso deixou de reconhecer o valor, ainda que relativo, do conhecimento alcançado por meio da razão.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> BOFF, Fr. Clodovis M. *Fé e política: alguns ajustes*. In: *Fé e política: fundamentos*. Pedro A. Ribeiro de Oliveira (Org.). Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2004, p. 41.

<sup>21</sup> BOFF, 2004, p. 41.

<sup>22</sup> COSTA, José Silveira da. *Tomás de Aquino: a razão a serviço da fé*. São Paulo: Editora Moderna, 1993, p.7.

Então, segundo essa crença, o importante é que essa pessoa agora se sente bem, se sente protegida. E essa proteção é pela fé. Travar com ela uma discussão poderá não ser frutífero, porque estará, em seu sentir, plena de razão. Poderá não ser a tua ou a nossa razão, mas, com certeza, será a própria, ou seja, a razão dessa pessoa, porque agora ela tem fé, e segundo sua fé – ou seria sua convicção? – ela é quem tem razão. Essa é sua verdade.

Santo Tomás afirma no *De veritate* que “a verdade está na inteligência divina de modo próprio e principal; na inteligência humana, de modo próprio e secundário; e, nas coisas, de modo impróprio e secundário, pois está nelas só por referência às duas primeiras verdades.”<sup>23</sup>

## 2. Razão

Entre os autores brasileiros, quem mais tem desenvolvido estudos acerca da filosofia é, sem dúvidas, Chauí. É ela quem, sobre a etimologia da palavra razão, traz o ensinamento que “na cultura da chamada sociedade ocidental, a palavra razão origina-se de duas fontes: a palavra latina *ratio* e a palavra grega *logos*. Essa duas palavras são substantivos derivados de dois verbos que têm um sentido muito parecido em latim e grego.”<sup>24</sup> E leciona que:

*Logos* vem do verbo *legein*, que quer dizer: contar, reunir, juntar, calcular. *Ratio* vem do verbo *reor*, que quer dizer: contar, reunir, medir, juntar, separar, calcular. Que fazemos quando medimos, juntamos, separamos, contamos e calculamos? Pensamos de modo ordenado. E de que meios usamos para essas ações? Usamos palavras (mesmo quando usamos números estamos usando palavras, sobretudo os gregos e os romanos, que usavam letras para indicar números).

Por isso, *logos*, *ratio* ou **razão** significam pensar e falar ordenadamente, com medida e proporção, com clareza e de modo compreensível para outros. Assim, na origem, razão é a capacidade intelectual para pensar e exprimir-se correta e claramente, para pensar e dizer as coisas tais como são. A razão é uma maneira de organizar a realidade pela qual esta se torna compreensível. É, também, a

---

<sup>23</sup>TOMÁS DE AQUINO, Santo. *De veritate*, q. 1, a. 4, *apud* COSTA, 1993, p. 55.

<sup>24</sup>CHAUI, 2002, p. 59.



confiança de que podemos ordenar e organizar as coisas porque são organizáveis, ordenáveis, compreensíveis nelas mesmas e por elas mesmas, isto é, as próprias coisas são racionais.<sup>25</sup>

A razão, segundo Chauí, “é a uma maneira de organizar a realidade para que ela se torne compreensível, pois ordena nosso pensamento e, conseqüentemente, deve ordenar nossas ações.”<sup>26</sup> E ela disse que desde o começo da filosofia, a origem da palavra razão há de ser considerada como contraposição a quatro outras atitudes mentais. Duas delas, já citadas, são a crença religiosa e as emoções, os sentimentos, as paixões. As outras duas, são:

[...] ao conhecimento ilusório, isto é, ao conhecimento da mera aparência das coisas que não alcança a realidade ou a verdade;  
ao êxtase místico, no qual o espírito mergulha nas profundezas do divino e participa dele, sem qualquer intervenção do intelecto ou da inteligência, nem da vontade. Pelo contrário, o êxtase místico exige um estado de abandono, de rompimento com a atividade intelectual e com a vontade, um rompimento com o estado consciente, para entregar-se à fruição do abismo infinito. [...]<sup>27</sup>

O que é razão, senão aquele equilíbrio que devemos demonstrar diante das situações em que temos que agir? Em nosso cotidiano é comum quando, em uma disputa, uma discussão, perguntamos: quem tem razão? É que queremos saber quem está correto. Ter razão em uma questão, é estar certo, é estar assegurado. Esse que tem razão deve ser o legítimo senhor da situação: a ele deve ser reconhecido o direito, ou seja, o direito deve estar de seu lado, porque ele está do lado do direito. Também usamos, normalmente, dizer que alguém *perdeu a razão*, referindo-se ao fato de que ou porque perdeu o juízo, ou seja, não está pleno se suas faculdades mentais, ou porque agiu com o coração. Quanto à razão na filosofia, Rouanet atribui a Horkheimer uma distinção entre razão objetiva e razão subjetiva, onde:

---

<sup>25</sup>CHAUI, 2002, p. 59.

<sup>26</sup>CHAUI, 2002, p. 59.

<sup>27</sup>CHAUI, 2002, pp. 59-60.

[...] a razão *objetiva*, encarnada nas velhas metafísica e filosofias da modernidade emergente, permitia escolher fins em si razoáveis; enquanto a subjetiva designa a faculdade do espírito de mobilizar os meios mais adequados para atingir esses fins, sem que estes fossem suscetíveis de uma avaliação racional. Para a *subjetiva*, os fins estão situados em uma esfera de valores e preferências pessoais, que como tais escapam à jurisdição de toda teoria. Sua versão da dialética da modernização se baseia nessa antítese: ela é o processo pelo qual a razão objetiva foi sendo gradualmente destronada pela razão subjetiva, até seu triunfo total na sociedade atual que, tendo perdido a capacidade de pensar fins e valores, quedou-se entregue ao mero empirismo dos fatos brutos, transformados em sua própria norma.<sup>28</sup>

Ainda que tenha forte corrente a seu favor, a razão encontra também grande número de quem a conteste, pois é figura por demais combatida por aqueles denominados “irracionalistas”. Estes, inclusive, reduzem a religião a um mero sentimento, esquecendo-se de que “No princípio era o *logos*, e o *logos* estava com Deus, e o *logos* era Deus”.<sup>29</sup> Se *logos* e *ratio*, como vimos em Chauí, podem ser interpretados como a mesma coisa, a razão pode se encontrar na religião.

Mattos comenta sobre a vida e obra de Tomás de Aquino, e ao descrever sobre as vias que levam a Deus, disse que, segundo Santo Tomás de Aquino, a razão pode provar a existência de Deus através de cinco vias, todas de índole realista:

[...] **a primeira** fundamenta-se na constatação de que no universo existe um movimento e todo movimento tem uma causa [...] **a segunda** via diz respeito à ideia de causa em geral. Todas as coisas ou são causas ou são efeitos, não se concebendo que alguma coisa seja causa de si mesma. [...] **a terceira** via se refere aos conceitos de necessidade e possibilidade. Todos os seres estão em permanente transformação, alguns sendo gerados, outros se corrompendo deixando de existir. [...] **a**

---

<sup>28</sup> ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 332.

<sup>29</sup> O Evangelho Segundo São João, (Jo 1,1)

**quarta** via para provar a existência de Deus é de índole platônica e baseia-se nos graus hierárquicos de perfeição observados nas coisas. Há graus na bondade, na verdade, na nobreza e nas outras perfeições desse gênero. [...] **a quinta** via fundamenta-se na ordem das coisas. [...] Todas as operações dos corpos materiais tenderiam a um fim, mesmo quando desprovido da consciência disso. [...] Uma vez que aqueles corpos estão privados de conhecimento, pode-se concluir que há uma inteligência primeira, ordenadora da finalidade das coisas. Essa inteligência soberana seria Deus.<sup>30</sup> (g.n.)

Ao vermos depoimentos do tipo “Damos graças a Deus pela cura do Lucas e sabemos com toda a fé do nosso coração, que foi obtido este milagre pelos Pastorinhos Francisco e Jacinta”<sup>31</sup>, perguntamos: Como questionar a fé e a razão desse casal que, antes de qualquer revelação ou experiência espiritual, entregou a saúde de seu filho aos Pastorinhos de Fátima? Seria essa a razão prática desenvolvida por Kant, já que essa fé nem sempre será

---

<sup>30</sup>TOMÁS DE AQUINO, Santo. *apud* MATTOS, Carlos Lopes de. *Vida e obra*. In: Tomás de Aquino. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 9-10, Coleção Os Pensadores.

<sup>31</sup> João Batista, falando em seu nome e da sua mulher, Lucila Yurie sobre a salvação de seu filho Lucas que, “após uma queda, onde bateu com a cabeça no chão, teve traumatismo craniano grave, com perda de tecido cerebral no lóbulo frontal esquerdo”, relatou, e “que o filho foi internado em coma muito grave, sofrendo duas paradas cardíacas. Os médicos chegaram a dar poucas esperanças de sobrevivência [...] Uma irmã correu para as relíquias dos Beatos Francisco e Jacinta, que estavam junto do Sacrário e sentiu esse impulso de oração: ‘Pastorinhos, salvem esse menino, que é uma criança como vocês’. Conseguiu convencer toda a comunidade do Carmelo a rezar apenas com a intercessão dos Pastorinhos. [...] “Assim fizeram. Da mesma forma como todos nós, na família, começamos a rezar aos Pastorinhos e, dois dias depois, no dia 9 de março, Lucas foi desentubado e acordou bem, lúcido, e começou a falar, perguntado pela sua irmãzinha. No dia 11 de março saiu da UTI e dia 15 ele teve alta [...] Uma cura, referiu, para a qual os médicos, mesmo os não-crentes, não conseguem encontrar explicação. A criança está completamente bem, sem nenhum sintoma ou sequela: [...] O que o Lucas era antes do acidente ele o é agora: sua inteligência, seu caráter, é tudo igual”. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/mundo/2017/05/11/interna\\_mundo,703372/garoto-brasileiro-curado-por-milagre-de-pastorinhos-de-fatima-e-do-par.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/mundo/2017/05/11/interna_mundo,703372/garoto-brasileiro-curado-por-milagre-de-pastorinhos-de-fatima-e-do-par.shtml)> Acesso em: 22\_jun\_2017.

fundamentada numa revelação ou na crença? Santo Tomás de Aquino, citado por Costa, disse que “foi necessária, para a salvação do homem, uma doutrina fundada em revelação divina, além das disciplinas filosóficas que são investigadas pela razão humana”.<sup>32</sup> Os céticos ou os ateus podem contestar, até mesmo porque as opiniões são livres. Para aqueles, porque em nada creem, e para estes porque não creem em Deus.

Certo é que a fé deve ser praticada. Não basta somente tê-la, é preciso que o homem a pratique, assim como para o cristão não basta somente ouvir a palavra de Deus, é preciso obedecê-la, exercitá-la e, nos seus atos, praticá-la. Sobre a obediência à palavra de Deus, Tiago assim escreveu “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvinte, enganando-vos a vós mesmos”<sup>33</sup> e acrescentou: “Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente [...] Porque assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta.”<sup>34</sup>

### 3. Vontade e razão prática

Para ter fé é preciso que o homem tenha vontade? Por certo que a resposta a essa indagação poderia ser não, afinal, não basta a vontade humana para se obter a fé. Esta independe daquela, no sentido de que ela se revela sem ao menos um prévio aviso. Mas, o Concílio Vaticano I ensina que a obediência da fé exige o empenho da inteligência e da vontade:

Dado que o homem depende totalmente de Deus, enquanto seu Criador e Senhor, e a razão criada está submetida completamente à verdade incriada, somos obrigados, quando Deus Se revela, a prestar-Lhe, mediante a fé, a plena submissão da nossa inteligência e da nossa vontade.<sup>35</sup>

Em sua Encíclica, João Paulo II diz que “o Concílio ensina que, ‘a Deus que revela, é devida a obediência da fé’ [...] a fé é uma

---

<sup>32</sup>TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma teológica*, I, q. 1, a.1., apud Costa, 1993, p. 91.

<sup>33</sup> BÍBLIA, Tiago, 1:22.

<sup>34</sup> BÍBLIA, Tiago, 2:24,26.

<sup>35</sup> CONCÍLIO VATICANO I. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/categoria/documentos-da-igreja-2/concilio-ecumenico-vaticano-i/>>. Acesso em: 17\_mai\_2017.

resposta de obediência a Deus. Isto implica que Ele seja reconhecido na sua divindade, transcendência e liberdade suprema.” E que:

[..] Deus que Se dá a conhecer na autoridade da sua transcendência absoluta, traz consigo também a credibilidade dos conteúdos que revela. Pela fé, o homem presta *assentimento* a esse testemunho divino. Isto significa que reconhece plena e integralmente a verdade de tudo o que foi revelado, porque é o próprio Deus que o garante. Esta verdade, oferecida ao homem sem que ele a possa exigir, insere-se no horizonte da comunicação interpessoal e impele a razão a abrir-se a esta e a acolher o seu sentido profundo. É por isso que o ato pelo qual nos entregamos a Deus, sempre foi considerado pela Igreja como um momento de opção fundamental, que envolve a pessoa inteira. Inteligência e vontade põem em ação o melhor da sua natureza espiritual, para consentir que o sujeito realize um ato no pleno exercício da sua liberdade pessoal. Na fé, portanto, não basta a liberdade estar presente, exige-se que entre em ação. Mais, é a fé que permite a cada um exprimir, do melhor modo, a sua própria liberdade. Por outras palavras, a liberdade não se realiza nas opções contra Deus. Na verdade, como poderia ser considerado um uso autêntico da liberdade, a recusa de se abrir àquilo que permite a realização de si mesmo? No acreditar é que a pessoa realiza o ato mais significativo da sua existência; de fato, nele a liberdade alcança a certeza da verdade e decide viver nela.<sup>36</sup>

O homem sensível, aquele que quer conhecer o Deus verdadeiro, a Ele chegará, como disse João Paulo II, através da fé e da razão. Porém, a fé seria exatamente pela sensibilidade, enquanto que a razão seria a faculdade prática a influenciar a vontade, como formulou Kant:

Se, no entanto, a razão nos foi dada como faculdade prática, isto é, como faculdade que deve exercer influência sobre a vontade, então o seu verdadeiro destino deverá ser produzir uma vontade, não só boa quiçá como meio para outra

---

<sup>36</sup> JOÃO PAULO II, 2. 13. A razão perante o mistério.

intenção, mas uma vontade boa em si mesma, para o que a razão era absolutamente necessária, uma vez que a natureza de resto agiu em tudo com acerto na repartição das suas faculdades e talentos.<sup>37</sup>

Em texto intitulado *O primado da razão prática: a doutrina clássica exposta por Rhonheimer e vista sob a perspectiva luliana*, Esteve Jaulent, do Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, traz o seguinte:

O ser humano é equipado com inclinações, afetos, emoções e instintos, mas também possui um entendimento, uma vontade e uma memória que lhe permitem transcender-se. Portanto, a perspectiva de um ser humano que julga e atua em unidade de corpo e espírito, livre, dono de seus atos e ao mesmo tempo exposto ao perigo de converter-se em escravo do seu atuar.

Este ser humano atua sempre perseguindo um bem prático. Bem prático é aquilo ao qual tendemos. Assim como há uma verdade ontológica e outra lógica, existe o bem ontológico, que se baseia no ser da coisa, e o bem prático que consiste no fim de uma tendência. O bem prático é algo que parece bom ao sujeito que atua. A questão decisiva é saber se o que parece bom é de fato verdadeiramente bom. Dito de outra maneira, deseja-se saber quando nossas inclinações, afetos e vontades se dirigem para o que é verdadeiramente bom.<sup>38</sup>

Ora, o que o homem universalmente busca é viver bem, com prosperidade, na felicidade – a eudaimonia aristotélica. Se ele entende que para atingir essa eudaimonia ele deverá estar em paz

---

<sup>37</sup> KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 205, Coleção Pensadores.

<sup>38</sup> RHONHEIMER, Martin. *La perspectiva de la moral: fundamentos de la ética filosófica*. Madrid: Rialp, 2000, *apud* JAULENT, Esteve. *O primado da razão prática: a doutrina clássica exposta por Rhonheimer e vista sob a perspectiva luliana*. In: *A ética medieval face aos desafios da contemporaneidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, pp. 452-453, Coleção Filosofia 17 2.

com Deus, na fé ele se atracará. Para Aristóteles<sup>39</sup>, o homem só alcança a felicidade se atingir o bem adequado à sua natureza racional. E é através da razão que se conhece esse bem e os meios para atingi-lo, uma vez que só a razão é capaz de apreender a realidade objetiva do bem e dos meios que permitem realizá-lo. Segundo Costa, esse mesmo esquema está presente como a essência da ética tomista “o bem objetivo, único capaz de proporcionar à natureza humana a felicidade perfeita, é Deus. A razão, secundada pela revelação, mostra o caminho que se deve seguir para alcançá-lo.”<sup>40</sup>

Kant distingue a razão teórica da razão prática, e disse que aquela tem como objetivo o conhecimento, enquanto que esta tem como objetivo o atuar. Para ele a razão prática representa a capacidade que o agente tem para eleger a ação apropriada sem se preocupar com as motivações, os impulsos, as necessidades, as paixões, as emoções, as sensações de afabilidade e de desagrado. Entende que a razão prática pura é aquela que funciona com suas forças apropriadas, e que “todos os conceitos morais têm a sua sede e origem totalmente *a priori* na razão.”<sup>41</sup>

Assim, a razão prática representa a própria ação, o atuar, o agir do homem. Para Kant o valor moral de uma ação deriva da sua máxima, e não de suas consequências. Não que tenha desdenhado das consequências, é que, para ele, o que se converte em uma ação certa ou errada não é se as consequências são danosas ou benéficas. A razão prática é vontade, e somente os seres racionais têm vontade.

E habita aí toda a preocupação com “a vontade” do ser humano. Essa vontade é decorrente de uma liberdade de criar. Sobre essa liberdade e a razão prática, Chaui disse:

A razão prática é a liberdade como instauração de normas e fins éticos. Se a razão prática tem o poder para criar normas e fins morais, tem também o poder para impô-los a si mesma. Essa imposição que a razão prática faz a si mesma daquilo que ela própria criou é o dever. Este, portanto, longe de ser uma imposição externa feita à nossa vontade e à nossa consciência, é a expressão da lei moral em nós, manifestação mais alta da humanidade em nós. Obedecê-lo é obedecer a si mesmo. Por dever,

---

<sup>39</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômano*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

<sup>40</sup> COSTA, 1993, p. 70.

<sup>41</sup> KANT, 1974, p. 216.

damos a nós mesmos os valores, os fins e as leis de nossa ação moral e por isso somos autônomos.<sup>42</sup>

A expressão “razão prática” foi deixada por Aristóteles e, a partir deste legado, Kant recupera essa denominação para aplicá-la à consciência moral, mas faz de modo que fique claro que na consciência moral atua algo que, mesmo que não seja a razão especulativa, são princípios racionais, semelhantes à razão, que podem ser julgados por meio de apreensão interna de sua evidência. O que podemos então chamar de razão. Mas, não é a razão que se aplica ao conhecimento; não é a razão que se presta a determinar a essência das coisas ou aquilo que as coisas são, mas é a razão aplicada à moral, à ação, à prática. E Kant disse que:

Tudo na natureza age segundo leis. Só um ser tem a capacidade de agir *segundo a representação* das leis, isto é, segundo princípios, ou: só ele tem uma *vontade*. Como para derivar as ações da lei é necessária a *razão*, a vontade não é outra coisa senão razão prática.<sup>43</sup>

Portanto, a princípio, pode ser formulada uma descrição da terminologia “razão prática”, a partir do próprio adjetivo “prática”, que significa “relativa à ação”. Ou seja, essa “prática” nada mais é que o atuar, ou fazer algo. Poderíamos dizer então que seria a *razão relativa à ação*, mas, não é correto afirmar assim; é que a razão prática tem por objeto não só os critérios que fazem de uma ação racional, como também de buscar saber o que significa ter uma razão para atuar. E esse atuar, como dito, é a conduta daquele que tem condições de raciocinar, ou seja, do ser humano. O homem que busca conhecer a verdade, tem razão para atuar.

Como deve ser a conduta humana? Esta é a ocupação e preocupação da razão prática. Não lhe interessa como é essa conduta, pois isso pertence à razão, já que é parte da essência do homem. Ademais disso, a razão prática formula imperativos ou mandamentos e não diz como o homem é, mas como ele deve ser.<sup>44</sup> Os Dez Mandamentos<sup>45</sup> são citados como exemplos do que é a razão prática, ou seja, para os que creem, é a lei de Deus. Portanto, são

---

<sup>42</sup>CHAUI, 2003, p. 172.

<sup>43</sup>KANT, 1974, p. 217.

<sup>44</sup> KANT, 2005.

<sup>45</sup> Preceitos presentes na Bíblia, no Livro do Êxodo 20:1-17 e Deuteronômio 5:2-21 do Antigo Testamento



normas de como deverá ser a conduta do homem, como se dissesse: “aquele que as observar, viverá bem”. De ressaltar-se que quando fazemos referência aos que creem, não estamos excluindo dessa observância obrigatória aqueles que não creem, é que estes, não se veem julgados por Deus, e sim pela sociedade. Também temos que esclarecer que não é pelo simples fato de que não creem em Deus, que não viverão bem, até mesmo porque esses preceitos são, na sua maioria, do direito natural, e o ser humano civilizado, de princípios, e cômico de seus deveres, os observa, independentemente de crenças ou religiões.

### Considerações finais

Parece desperdício desenvolvermos, em pleno século XXI, alguma discussão acerca da relação entre fé e razão. O que parecia superado – pois data do período medieval –, por vezes ainda incomoda estudiosos do assunto. É que essa discussão é cíclica. Hodiernamente, a filosofia, se não pôs cabo a esse tema, pelo menos o tem minimizado, e já não o pinta mais com as cores fortes do antagonismo. É sempre alvissareiro encontrarmos hoje religiosos de mentes abertas que - à semelhança de alguns padres no período denominado de Patrística e, depois, na Escolástica - perfilam uma linha de conciliação entre fé e razão. E o Sumo Pontífice João Paulo II, bebendo nas fontes de Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, nos deixou herança valiosa quando, como a tentar persuadir aqueles que mesmo dentro da própria Igreja Católica ainda resistem, elaborou sua Encíclica *Fides et Ratio*. Com extrema lucidez e inteligência, ele diz aos Bispos católicos que a Igreja deve efetivar a “Diaconia da verdade”, possibilitando ao homem que busque conhecer a verdade, para que o homem não se perca, achando que ele se basta, e “que cada verdade alcançada é apenas mais uma etapa rumo àquela verdade plena que se há de manifestar na última revelação de Deus.” Esse seu legado não foi deixado somente para os Bispos, não, pois qualquer um, seja teólogo, filósofo – e ele deu extremado valor à filosofia –, ou simples indivíduo, deve através dela se orientar, pois o homem há de procurar conhecer a si mesmo, olhando-se no espelho, mas primeiramente num espelho interior, porque um dia, haverá – ou poderá haver – um encontro, onde terá que encarar, face a face, aquele que é o caminho, a verdade e a vida. E o homem, com vontade, buscando praticar a fé, encontrará esse caminho.

Não podemos conceber a ideia de que fé e razão vivam dissociadas. Kant já havia criado um conceito de fé racional, afinal,

para ele, a fé só é possível, porque somos racionais. Mesmo os céticos são levados a admitir que, se existe ciência, é porque o homem foi capacitado para a pesquisa. Mas quem deu a inteligência e a capacidade para o homem? Elas advieram de um Ser Supremo? Existe um Ser Supremo? Se existe, é o homem o instrumento utilizado por Ele?

## Referências

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro II, São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- BÍBLIA Sagrada: edição pastoral, 4ª reimp. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.
- BOFF, Fr. Clodovis M. *Fé e política: alguns ajustes*. In: *Fé e política: fundamentos*. Pedro A. Ribeiro de Oliveira (Org.). Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2004.
- BUENO, Vera Cristina de Andrade. *Kant e o conceito de fé racional*. O que nos faz pensar nº 19, fevereiro de 2006. Disponível em: <[http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf\\_articles/OQNFP\\_19\\_04\\_vera\\_cristina\\_de\\_andrade\\_bueno.pdf](http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf_articles/OQNFP_19_04_vera_cristina_de_andrade_bueno.pdf)> Acesso em 15\_mai\_2017.
- CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 12 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- COSTA, José Silveira da. *Tomás de Aquino: a razão a serviço da fé*. São Paulo: Editora Moderna, 1993.
- HAMMES, Érico João (Org.). *Fé & cultura: temas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 41.
- HUME, David. *Investigación sobre la moral*. Buenos Aires: Losada, 2004.
- IGREJA CATÓLICA. Papa (1978 - 2005: João Paulo II). Carta Encíclica *Fides et ratio* do Sumo Pontífice João Paulo II aos bispos da igreja católica sobre as relações entre fé e razão. Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia 14 de Setembro - Festa da Exaltação da Santa Cruz - de 1998, vigésimo ano de Pontificado. Cap. II, 2, 32. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html)>. Acesso em: 15\_mai\_2017.

\_\_\_\_\_ CONCÍLIO VATICANO I. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/categoria/documentos-da-igreja-2/concilio-ecumenico-vaticano-i/>>. Acesso em: 17\_mai\_2017.

JAULENT, Esteve. *O primado da razão prática: a doutrina clássica exposta por Rhonheimer e vista sob a perspectiva luliana*. In: *A ética medieval face aos desafios da contemporaneidade*. Marco Roberto N. Costa e Luís A. de Boni (Orgs.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, pp. 452-453, Coleção Filosofia 172.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Trad. Rodolfo Schaefer. São Paulo: Martin Claret, 2005.

\_\_\_\_\_ *Crítica da razão pura*. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2005.

\_\_\_\_\_ *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. Paulo Quintela. In: Coleção “Os Pensadores”. Kant (II). São Paulo: Abril Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_ *Que significa orientar-se no pensamento?* (1786). Trad. Artur Morão. p. 12. Disponível em: <[http://www.lusosofia.net/textos/kant\\_que\\_significa\\_orientar\\_se\\_no\\_pensamento\\_1786.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/kant_que_significa_orientar_se_no_pensamento_1786.pdf)>. Acesso em: 15\_mai\_2017.

MATTOS, Carlos Lopes de. *Tomás de Aquino: vida e obra*. In: Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

MORA, J. F.. *Dicionário de Filosofia*. 2 ed. Trad.: Maria Stela e C&A. Loyola: São Paulo, 2005, p. 1106.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RUSSO, Renato; VILLA-LOBOS, Dado. *Quase sem querer*. Legião Urbana, Álbum Dois, 1986.

SPARANO, Maria Cristina Távora. *Linguagem e significado: o projeto filosófico de Donald Davidson*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, pp. 89-90, Coleção Filosofia 164.

Diário de Pernambuco. *Garoto brasileiro curado por milagre de pastorinhos de Fátima é do Paraná*. Diário de Pernambuco. Recife, 11/05/2017. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/mundo/2017/05/11/interna\\_mundo.703372/garoto-brasileiro-curado-por-milagre-de-pastorinhos-de-fatima-e-do-par.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/mundo/2017/05/11/interna_mundo.703372/garoto-brasileiro-curado-por-milagre-de-pastorinhos-de-fatima-e-do-par.shtml)> Acesso em: 22\_jun\_2017.